

20 anos é obra, como se diz em Portugal. É já uma adulez de um grupo de pesquisa que se foi consolidando e construindo uma identidade em torno da investigação com os professores e com os alunos. Convém sublinhar que se trata de uma obra simultaneamente eclética, na riqueza de autores e de abordagens quanto ao modo de lutar contra a objetificação dos sujeitos de estudo e de reinventar metodologias de lhes dar voz e espaço de escuta ativa; e muito coesa, no modo como deixa clara a linha orientadora que, consciente ou inconscientemente, todos os autores assumem, descrevem ou deixam implícito na redação dos seus textos que são a diversidade na unidade do livro *Vozes da Educação 20 anos: memórias, políticas e formação docente* que me encantou ler e que adorei prefaciá-lo.

Vozes da Educação

20 anos: memórias, políticas e formação docente

Vozes da Educação
Maria Tereza Goudard Tavares e Inês Ferreira de Souza Bragança

organizadoras
Maria Tereza Goudard Tavares
Inês Ferreira de Souza Bragança

INTERTEXTO
EDITORA



 **FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

INTERTEXTO
EDITORA

**Maria Tereza Goudard Tavares
Inês Ferreira de Souza Bragança
(organizadoras)**

**Vozes da educação 20 anos:
memórias, políticas e formação
docente**

**NITERÓI
INTERTEXTO
2016**

© 2016 by Maria Tereza Goudard Tavares e Inês Ferreira de Souza Bragança

Direitos desta edição reservados à Intertexto Editora.
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Coordenação editorial: *Eliana da Silva e Souza*
Projeto gráfico e editoração: *Sergio Daltró*
Capa: *Sergio Daltró*

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

V977 Vozes da educação 20 anos : memórias, políticas e formação docente / Maria Tereza Goudard Tavares, Inês Ferreira de Souza Bragança (organizadoras). – Niterói : Intertexto, 2016. 250p. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografias.
ISBN 978-85-7964-068-1

1. Educação. 2. Professores - Formação. I. Tavares, Maria Tereza Goudard. II. Bragança, Inês Ferreira de Souza

CDD 370.71



Editora

www.intertextoeditora.com.br
E-mail: intertextoeditora@terra.com.br
Tel/Fax: (0xx21) 2613-3732

Sumário

Convite à leitura Maria Tereza Goudard Tavares e Inês Ferreira de Souza Bragança	7
Prefácio Ricardo Vieira	11
PARTE 1	
<i>Sobre dispositivos teórico-metodológicos: caminhos em construção</i>	17
Assim passaram vinte anos: memórias e histórias do grupo Vozes da Educação em São Gonçalo Mairce da Silva Araújo	19
Vozes na diferença: passagem por um grupo de pesquisas Anelice Ribetto	39
Expedição pedagógica: estratégia de formação docente em contexto latino americano Jacqueline de Fatima dos Santos Moraes	55
PARTE 2	
<i>Itinerários e discussões epistemológicas</i>	73
(Re)pensando o Vozes da Educação em São Gonçalo: desafios contemporâneos da formação de professores(as) em periferias urbanas Maria Tereza Goudard Tavares	75
Polifonia e dialogismo como perspectivas epistemológicas na pesquisa e extensão do "Vozes da Educação" Marcia Soares de Alvarenga	99

O Vozes da Educação e as vozes negras gonçalenses – memórias entrelaçadas Regina de Fatima de Jesus	123
Memórias entre vozes Lúcia Velloso Maurício	143
A cor da perfeição: educação popular e novos sentidos da devoção franciscana aos santos negros no Brasil Colonial (1700-1750) Luiz Fernando Conde Sangenis	167
Concepções e práticas de pesquisa narrativa: diálogos entre os núcleos Vozes, Gruprodoci e Gepec Inês Ferreira de Souza Bragança	193
A produção discente acerca das políticas públicas educacionais do Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação (1999-2015): por uma economia política do cotidiano Elaine Ferreira Rezende de Oliveira	215
Posfácio Andrea Arcuri, Fermina Rivas, Graciele Martinez, Natalia Lagos, Karina Perez e Teresa Romero. Instituto de Formación Docente N° 9 -Paulo Freire, Neuquén Rede DHIE Docentes que hacen investigación desde la escuela.	241
Sobre os autores	245

Convite à leitura

Este é um momento de abismo e desesperanças. Mas pode ser, ao mesmo tempo, um momento de crescimento. Confrontados com as nossas mais fundas fragilidades, cabe-nos criar um novo olhar, inventar outras falas, ensaiar outras escritas. Vamos ficando, cada vez mais, a sós, com a nossa própria responsabilidade histórica de criar uma outra História. Nós não podemos mendigar ao mundo uma outra imagem. Não podemos insistir em uma atitude apelativa. A nossa única saída é continuar o difícil e longo caminho de conquistar um lugar digno para nós e para nossa pátria, e esse lugar só pode resultar da nossa própria criação (Mia Couto, 2005).

Escrever a apresentação do livro dos vinte anos do grupo Vozes da Educação: memória, história e formação de professores, implica na assunção de uma dupla alegria. Dupla alegria, sendo a primeira o reconhecimento de um percurso individual – coletivo de um grupo de pesquisa e formação que efetivamente vem apostando na criação de uma outra forma de produzir conhecimento e ensaiar outras escritas e práticas no campo da educação. A segunda alegria implicou em partilhar o processo (auto)formativo de organização do livro, que é resultante do reconhecimento de um longo percurso de trabalho coletivo. Percurso aqui entendido em seu sentido etimológico de “correr por intermédio de”, no qual o tempo de existência do Vozes da Educação é tomado tanto em sua dimensão temporal, cronológica – vinte anos, duas décadas, quanto em sua dimensão aiónica, subjetiva, atemporal, fruto da experiência constituidora de cada uma de nossas vozes.

1996 – 2016, vinte anos se passaram da constituição do Vozes da Educação em São Gonçalo. O tempo passado/vivido parece ter amplificado nossas vozes, fortalecendo-as, fazendo-as ressoar com coragem e dignidade, tendo o dialogismo e a polifonia como princípios políticos e epistemológicos fecundos. Portanto, este livro do Vozes da Educação, além de dar materialidade a nossa quinta produção bibliográfica coletiva, que por si só já expressa um “acontecimento” raro no espaço acadêmico universitário; espaço este, tão reconhecidamente clivado pelas biografias e carreiras individuais, nos

Prefácio

É com muita honra e prazer que aceito prefaciá-lo livro *Vozes da Educação 20 anos: memórias, políticas e formação docente* que comemora os 20 anos do Grupo Vozes, da UERJ, São Gonçalo, Brasil. Faz, neste ano de 2016, exatamente 10 anos que iniciei a minha interação com as investigadoras deste grupo. Primeiro foi no II CIPA (Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica), em Salvador da Bahia, que conheci a Inês de Bragança e a Lúcia Velloso. No ano seguinte, em Setembro de 2007, eu era o conferencista convidado por Maria Tereza Goudard Tavares, a coordenadora, para fazer a abertura do III Vozes: III Seminário de Educação “Memórias, Histórias e Formação de Professores” Apresentei a conferência “Identidades, histórias de vida e culturas escolares: contribuições e desafios para a formação de professores” que viria a ser publicada nos Anais.

Foi aí que aprofundi debates e conhecimentos com essas professoras maravilhosas da UERJ, São Gonçalo, com quem temos debatido, feito vários intercâmbios e publicações conjuntas.

Em 2009/2010, a Professora Mairce Araújo viria a fazer uma parte do seu pós doc. comigo, no Instituto Politécnico de Leiria, Portugal. Estes 10 anos de escuta, leitura e debate uns dos outros, permite-me, hoje, escrever sobre este grupo numa forma relativamente émica (GEERTZ, 1989) e de uma forma que não é só técnico-científica sobre o que tem desenvolvido na cidade de São Gonçalo mas, também, muito humana, empática e afetiva.

20 anos é obra, como se diz em Portugal. É já uma adulez de um grupo de pesquisa que se foi consolidando e construindo um identidade em torno da investigação com os professores e com os alunos. O Grupo Vozes da Educação surge, oficialmente, em 1996 mas o que é fundamental gravar é que ele foi sendo pensado, praticado,

criado “nas conversas informais, reuniões departamentais, entre cafés e desejos compartilhados” (TAVARES, 2008, p. 21). Muito ano a produzir conhecimento sobre a formação de professores, procurando, sempre, dar voz aos educandos e aos formandos. Uma investigação não de grupos mas com os grupos, as pessoas, os adultos, as crianças e os jovens. Ou, como lembra Maria Tereza Goudard, “Ouvir essas vozes, dialogar com elas, aprender com elas... Talvez esse seja o nosso desafio, como um coletivo plural, intencionando produzir uma educação a contrapelo, dialogando com muitas vozes, assumindo a polifonia e a dúvida como possibilidade vigorosa de produção do conhecimento”.

Este livro, intitulado *Vozes da Educação 20 anos: memórias, políticas e formação docente* tem a apresentação da Professora Maria Tereza Goudard Tavares, uma das pioneiras do grupo e da Professora Inês Ferreira de Souza Bragança que muitas pontes tem construído, também com Portugal, desde logo escolhendo este país para fazer o seu doutorado.

A primeira parte da obra tem por título “Sobre dispositivos teórico-metodológicos: caminhos em construção” e é iniciada pelo texto da professora Mairce da Silva Araújo, “Assim passaram vinte anos: Memórias e Histórias do Grupo Vozes da Educação em São Gonçalo”, que chegara à Faculdade de Formação de Professores, seis meses após a criação do grupo, tendo já sido colega de Maria Tereza Goudard Tavares, uma das fundadoras do grupo de pesquisa. O texto de Mairce Araújo dá conta de todo esse processo histórico de construção/reconstrução do Projeto Vozes da Educação, sublinhando essencialmente as questões metodológicas e a articulação do futuro/presente/ passado. Para abrir o apetite, convoca Paulinho da viola, na sua dança da solidão:

Meu pai sempre me dizia

Meu filho tome cuidado

Quando penso no futuro

Não esqueço o meu passado.

É bom ouvirmos a própria voz de Mairce quando diz que “Entre a memória e a história, caminhávamos em busca da memória viva, presente na escola, carregada por grupos vivos e em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e o esquecimento [...] vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e

repentinias revitalizações (NORA, 1993, p. 3), memórias que nos ajudassem a compreender melhor o processo de escolarização da sociedade gonçalense.

No segundo texto, “Vozes na diferença: passagem por um grupo de pesquisas” Anelice Ribetto procura “pensar e dar a ler um caminho de pesquisa que se fez a partir de bons encontros materializados na produção de um dispositivo coletivo que toma o nome de Seminário Vozes da Educação, organizado pelo Grupo de Pesquisas Vozes da Educação: Memória(s), História(s) e Formação de Professores/as desde 2001”. Considera que estar no Grupo Vozes é estar num lugar de encontros de críticas, “não da tolerância indiferente; da gentileza do silêncio, não da hipocrisia elogiosa. A tarefa acadêmica e política, neste grupo de pesquisa, é criar uma forma outra de estarmos juntos na que o laço de amizade possa constituir relações privilegiadas de experimentação de outras formas de relacionamento incompatíveis com os modelos individualistas e excludentes do capitalismo”.

O terceiro texto da primeira parte deste maravilhoso livro é da autoria da professora Jacqueline de Fatima dos Santos Morais e dá pelo título “Expedição Pedagógica: estratégia de formação docente em contexto Latino Americano”. A autora opta por usar a metáfora da paisagem e da viagem para dar conta da opção paradigmática que o Vozes abraçou: “Escrever sobre o passado não é ir ao encontro de um tempo cerrado, mas sim aberto, que alimenta e se fortalece nos compromissos presentes. A experiência da viagem como espaço/tempo de formação docente, conforme possível na Expedição Pedagógica, pode ser metaforizada na ideia da ruína, utilizada tantas vezes por Benjamin. Neste caso, ruína vista como vestígio do que se viveu e que permanece em partes, em fragmentos, permitindo reconfiguração, rearranjos, pistas de que algo passou e nos passou. As ruínas, compreendidas em sua positividade, nos ajudam a ver as brechas da história, a intensidade do instante, a permanência dos projetos coletivos”. Esta postura dinâmica rompe com tradição acadêmica que defende o valor do conhecimento como algo engessado, permanente, certo e verdadeiro.

A segunda parte do livro traz o título Itinerários e discussões epistemológicas, começando com o texto de Maria Tereza que pretende, entre outros objetivos, “convidar à uma reflexão sobre processo formativos de docentes, tendo o território material e simbólico como um campo de forças, no qual objetivamente e subjetivamente são (re)constituídos o *ethos* profissional docente, melhor dizendo, os diferentes

modos de ser professor(a)". E, essencialmente, enfatiza bem a necessidade de "ouvir essas vozes, dialogar com elas, aprender com elas... Talvez esse seja o nosso desafio, como um coletivo plural, intencionando produzir uma educação a contrapelo, dialogando com muitas vozes, assumindo a polifonia e a dúvida como possibilidade vigorosa de produção do conhecimento".

De seguida, o texto de Márcia Soares de Alvarenga, "Polifonia e dialogismo como perspectivas epistemológicas na pesquisa e extensão do "Vozes da Educação", sublinha bem a ideia do grupo na rutura com a perspectiva positivista e monológica para produzirem pesquisas de forma dialógica, "pois acreditamos que os sujeitos das escolas, dos movimentos sociais, da gestão pública são sujeitos e, como sujeitos, não são mudos". O seu texto opta por buscar uma crítica ao si mesmo e ao nós mesmos, "para um começo de um inventário, como nos propõe Gramsci (1991, p. 12); inventário, este, iniciado a partir do que outros nos legaram e nos deixaram marcas; um inventário do "Vozes", a partir dos nossos próprios.

No texto seguinte, "O Vozes da Educação e as vozes negras gonçalenses – Memórias entrelaçadas" de Regina de Fatima de Jesus, a autora começa por nos lembrar que o "Vozes da Educação", nome afetivo do "Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memórias e Histórias das Escolas de São Gonçalo"; atualmente "Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: Memória, História e Formação de Professores", foi quase um caminho "natural", se fosse possível naturalizar processos que são fruto de escolhas e opções político-epistemológicas na caminhada académica". Define-se como produto dos estudos da história oral que considera uma opção epistemológica, pelo que "importava ouvir as memórias e histórias por meio da oralidade e muitos trabalhos desenvolvidos por alunos da disciplina obrigatória Prática de Ensino I e II, visaram fazer um levantamento das memórias e histórias de algumas escolas públicas do município de São Gonçalo, ouvindo as vozes dos sujeitos cotidianos: professoras, alunos, funcionários e a própria comunidade escolar".

No texto quarto da segunda parte da obra, a professora Lúcia Velloso Maurício traz-nos um texto intitulado "Memórias entre vozes" onde assume sentir-se como eclética, explicando que a "nossa diversidade tem origem nos muitos grupos que frequentamos ao longo da vida. E nossa unidade é constituída pelas bases comuns que nos marcaram ao longo do tempo com certa afinidade que nos permitiu semear e cultivar o que vivemos hoje. Esta memória coletiva não acolhe

todas as lembranças, já que temos pertencimentos diversos, mas é condição para que nos reconheçamos hoje no grupo, para que possamos tentar identificar o que temos em comum, mesmo que não saibamos ainda nomeá-lo". Deste modo, a autora, convocando Halbwachs, defende só termos consciência da nossa existência "quando resistimos a ela, quando muitas correntes sociais se cruzam e se chocam na nossa consciência, momento apropriado para apreendermos o fundamento de nossa ligação".

No quinto texto da segunda parte da obra, dedicada mais a questões epistemológicas, o professor Luiz Fernando Conde Sangenis traz-nos a problemática da "A cor da perfeição: educação popular e novos sentidos da devoção franciscana aos santos negros no Brasil Colonial (1700-1750)". Entre tanta rica análise da construção social da desigualdade através da cor e etnicidade, o autor lembra-nos o "teor da audaciosa apologia às cores negra e parda promovida pelos franciscanos, destacamos dois aspectos fundamentais. O primeiro, a intencionalidade de exaltar a perfeição das cores negra e parda, significou perceber a mestiçagem da gente brasileira como valor identitário e antropológico positivo. E isso, se deu um século antes da construção das teses racialistas que estabeleciam hierarquias entre "raças" e asseveravam a degenerescência da espécie humana provocada pela mestiçagem, num brutal retrocesso em direção oposta ao que outrora pregavam os frades. Contra o preconceito de quem duvidava pudesse ser um santo da cor parda, Jaboatão afirma: "É a cor parda tão perfeita, que todo o fim, com que aparece nos homens, não é outra mais que perfeição". Portanto, esses franciscanos são vozes que antecedem as teses que só mais tarde, nas dicções de Euclides da Cunha, de Manoel Bonfim, de Gilberto Freyre e de Darcy Ribeiro, encontrarão autoridade para a defesa da mestiçagem, tanto biológica, quanto cultural, constituindo elementos fundamentais para entender a formação do que virá a ser o brasileiro".

No texto seguinte, de Inês Ferreira de Souza Bragança, "Concepções e práticas de pesquisa narrativa: diálogos entre os núcleos Vozes, Gruprodoci e Gepec", a autora partilha trechos das trajetórias de vida, formação e pesquisa percorridas pelos coordenadores dos grupos Vozes, Gruprodoci e Gepec, tendo como fonte as entrevistas-conversas realizadas com cada um. Estuda as trajetórias de vida e formação de Mairce, Maria Helena e Guilherme, onde encontra indícios dos caminhos percorridos pela pesquisa narrativa (auto)biográfica nos grupos de pesquisa dos quais fazem parte como professores-pesquisadores – Núcleo Vozes, Gruprodoci e Gepec, mas também

movimentos dessa abordagem epistemológica de pesquisa-formação no Brasil. “Nessas cenas narradas destacam-se como fios a apresentação biográfica, a formação acadêmica, a aproximação do campo e o trabalho de pesquisa no âmbito das narrativas (auto)biográficas. Por meio da narrativa dos professores-pesquisadores, buscamos compreender dinâmicas da formação ao longo da vida que potencializaram o encontro com a abordagem (auto)biográfica e se desdobraram no desenvolvimento de referências epistemológicas que indicam concepções e práticas da pesquisa narrativa”.

Finalmente, no último texto do livro, Elaine Ferreira Rezende de Oliveira faz uma apresentação e discussão da Produção Discente acerca das Políticas Públicas Educacionais do Núcleo De Pesquisa e Extensão Vozes da Educação (1999-2015). Para o efeito, a autora consultou os Currículos Lattes de cinco dos dez professores que fazem parte do Grupo Vozes da Educação e “o site da FFP/UERJ que abriga as dissertações de mestrado e trabalhos de conclusão de curso dos discentes pesquisados, em que foram lidos os resumos desses trabalhos”.

A terminar, convém sublinhar que se trata de uma obra simultaneamente eclética, na riqueza de autores e de abordagens quanto ao modo de lutar contra a objetificação dos sujeitos de estudo e de reinventar metodologias de lhes dar voz e espaço de escuta ativa; e muito coesa, no modo como deixa clara a linha orientadora que, consciente ou inconscientemente, todos os autores assumem, descrevem ou deixam implícito na redação dos seus textos que são a diversidade na unidade do livro *Vozes da Educação 20 anos: memórias, políticas e formação docente* que me encantou ler e que adorei prefaciar.

Obrigado amig@as e até já. Vivendo, aprendendo e registrando para memória do futuro, iremos fazer muito mais coisas em conjunto, estou convicto.

Leiria, 12 de janeiro de 2016.

Ricardo Vieira

Professor Titular de Antropologia da Educação
ESECS-IPLeia e CICS.NOVA.IPLeia

PARTE 1

Sobre dispositivos teórico-metodológicos: caminhos em construção